

**Claudia Lisboa**

**Os Astros  
Sempre Nos  
Acompanham**

Um Manual de Astrologia  
Contemporânea

Edição revista e ampliada

12ª edição



Rio de Janeiro | 2021

*Para minhas filhas  
Luna e Mel*

## Prefácio

Claudia Lisboa nos aponta o cosmos através de seu território astrológico cultural; convida-nos a contemplar a imensidão do firmamento, deixando que as conexões se façam entre a beleza do macrocosmo e as riquezas configuradas no microcosmo. Uma viagem no tempo histórico; da idade mais remota à atualidade; visão das imagens arquetípicas expressas na natureza celeste se manifestando na vida terrestre. Vislumbro em seu território de saberes, o qual denominou *Os astros sempre nos acompanham — Um manual de astrologia contemporânea*, desenhado laboriosamente em cada página, uma profissional atenta aos cânones básicos da estrutura da astrologia.

Sua obra é a expressão viva de anos de incansável dedicação aos estudos, de observação contínua e atenta ao conhecimento empírico adquirido no exercício de cálculos matemáticos de precisão e análises na execução de mapas astrológicos individuais, e de sua longa convivência teórica e prática ministrando, há anos, aulas com critério didático, bem pessoal; abrindo portas ao desvelar horizontes escritos no Céu estrelado e que se revelam efetivamente na vida cotidiana — Céu e Terra interagindo.

Consciente dos conceitos do sábio suíço C. G. Jung, das leis das correspondências entre o que se sucede em nós e o que nos sucede fora de nós, o que se manifesta em nós é desenhado no Céu por semelhança. Claudia aborda as várias vertentes que compõem a astrologia, ponto de partida do princípio da sincronicidade, o que está fora de nós mesmos e se revela em nós.

Encontrou seu próprio trajeto de trabalho, seguindo pegadas próprias, sendo fiel a si mesma. Como quem realiza o processo de individualização, de que nos fala C. G. Jung, Claudia sempre se mostrou ser ela mesma, em sua individualidade, sua particularidade. Iniciou sua caminhada no percurso dos astros — da astrologia, a mãe de todas as ciências — com a grande mestra Emma Costet de Mascheville<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Emma Costet de Mascheville (1903-1981) nasceu em Haimhausen, na Alemanha, e se estabeleceu no Brasil em 1925. Astróloga e professora de astrologia, estudou e testou seus conhecimentos ao longo de 56 anos.

Emma de Mascheville foi a mais douta da história da astrologia no Brasil. Não me refiro somente ao seu conhecimento epistemológico e à vasta experiência acumulada em anos de atendimento particular e/ou como mestra, mas em especial por sua singular visão de mundo, sua largueza filosófica transmitida generosamente. Mulher que olhava o futuro da humanidade com esperança na compreensão das bipolaridades próprias da vida, certa de que assim é possível reencontrar a harmonia, a unidade primordial. Sempre reflexiva a indagar: “O que nós somos?” Tive poucos encontros com essa preciosa mulher e percebi que não estava diante apenas da astróloga Dona Emma, mas de um ser humano que pensava, questionava as causas e os princípios essenciais da vida; da natureza em sua magnitude. Claudia Hartley Lisboa teve a felicidade de fazer toda a sua formação básica com essa grande senhora, que lhe transmitiu o método de estudos e a sede das profundas indagações para a compreensão da vida individual, coletiva e cósmica; a astrologia em seu significado mais elevado. Profética, Dona Emy, carinhosamente assim chamada, apontava Céus e horizontes: “As grandes dificuldades para o final de século irão contribuir para o amadurecimento e a evolução humana.” Astrologia, portanto, a serviço da evolução pessoal e coletiva.

*Os astros sempre nos acompanham* nos abre suas janelas com o olhar para as origens remotas da astrologia; caminha-se pela Pérsia com suas bases e crenças primitivas. A Mesopotâmia em suas raízes milenares, entre os rios Tigre e Eufrates, quando o conhecimento do firmamento estrelado se afirma por observações precisas dos sábios imperadores, que eram sacerdotes, astrólogos-astrônomos; os primeiros matemáticos registrando em argila, cuidadosamente, as configurações observadas dos movimentos diários dos astros, fazendo suas conexões precisas com o que se passava na vida cotidiana, isto é, nos acontecimentos aqui na Terra. Mostra-nos que contemplar o percurso do Sol, da Lua e dos astros cintilando na imensidão do Céu era vislumbamento e profunda reverência religiosa. Sumérios, assírios, babilônios e caldeus eram, sem dúvida, observadores muito meticolosos e perspicazes. Essa riqueza do saber celeste era simultaneamente dividida com outra civilização não menos importante, a egípcia, que, por outros meios, também registrou o que se passava no Céu, fazendo suas ligações com o que ocorria na

Terra. Os egípcios, ao contemplar a abóboda celeste em seus observatórios mais ou menos no mesmo período que os persas, decifram os mistérios do Zodíaco em sua magnitude física e simbólica, e com outras contribuições importantes. Esses povos se enriqueceram mutuamente num período de maior comunicação cultural.

Para os antigos, o destino e tudo na natureza que os cercava estavam “escritos nas estrelas”, mas isso não significava um determinismo imponderável. Indubitavelmente, esses dois povos foram o berço das observações celestes. Civilizações seguintes aprimoraram culturalmente o saber astronômico e astrológico, que se espalhou por todas as nações até os dias de hoje.

Depois de passarmos pela Índia, pelo Extremo Oriente, pela América Central e pelo povo hebreu, chegamos à Grécia, com seus avanços fundamentais e imensa contribuição às bases da astrologia, numa convergência de sábios pensadores-filósofos, e a Roma, que democratiza esse saber. Claudia nos leva a conhecer um pouco das influências árabes, das culturas que se desenvolveram na Idade Média até o Renascimento, seguindo para os séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Já caminhando no terceiro milênio como uma astronauta com o olhar celeste e os pés firmes no chão, ela nos oferece a cada página de seu livro a complexidade das configurações dos astros e sua aplicação prática.

Astronomia e astrologia andavam de mãos dadas até o século XVII. Com o avanço das ciências exatas, houve um distanciamento, mas o saber astrológico seguiu seu rumo com passos silenciosos e constantes, como se pode acompanhar.

Encontramos prazer ao ler sobre os rudimentos fundamentais da astrologia, a exposição dos 12 signos do Zodíaco e suas polaridades, com ampla visão da essência de cada um dos signos com suas singularidades. Um exemplo interessante é quando descreve o signo de Peixes e seu signo complementar: “Quando crê em algo, persegue seu sonho, mesmo que todos desacreditem dele. Solitário, segue seu caminho pelos oceanos do seu desejo cruzando as fronteiras ditadas pela realidade objetiva. Diametralmente oposto a Peixes está Virgem, símbolo da análise e da crítica. É importante que Peixes se inspire nessas qualidades, pois, na sua falta, tenderá a refugiar-se na fantasia, dissociando-a da realidade. Com disciplina e organização, torna-se mais objetivo e, assim, pode

acolher as pequenas coisas que a vida exige.” Observa-se aqui uma postura de aconselhamento, e não uma determinação factual.

A aceitação e a compreensão de energias opostas têm a ver com a aceitação de nossos conflitos, da possibilidade de integração das próprias contradições e complementação de nossa natureza como um todo. A autora nos mostra que a interpretação na leitura de um astro ou aspecto no mapa natal é justamente no sentido de dar uma indicação possível para a harmonia e o crescimento da pessoa humana diante dos desafios a serem confrontados.

No percurso, ainda podemos nos deleitar com algumas imagens, como a composta ao descrever o irreverente décimo primeiro signo: “Aquário deixa marcas de sua passagem como um vendaval desarrumando o quintal.”

Em seu itinerário, Claudia aborda com rigor os conceitos-chave dos elementos básicos da natureza e suas triplicidades. As potências do Fogo, da Terra, do Ar e da Água e o que pode acontecer de se ter a mais ou a menos, em excesso ou em falta. Trata-se, mais uma vez, de um olhar atento aos pormenores descritos na imensidão e da complexa bagagem que a velha senhora astrologia nos oferece.

Ao tratar com amplitude a natureza dos 12 signos do Zodíaco, Claudia enriquece a descrição ao recorrer à mitologia, nos apresentando cada um dos mitos em seus estágios primordiais, de Áries a Peixes. O mesmo acontece ao escrever pontualmente sobre a natureza dos astros; os dois luminares, Sol e Lua (como personagens centrais), e os planetas. Ao acompanhar atentamente a sequência da leitura, página por página, apreendemos as riquezas e configurações míticas que definem cada um desses signos e astros em seu significado simbólico e arquetípico; além da interação das energias masculinas em complementação às femininas expressas nessas fontes vitais. E, assim, percorremos seu livro com sedenta curiosidade.

As casas astrológicas com seu sistema de divisões são descritas em seus conceitos-chave, pontuando cada casa em sua singularidade, particularidade e as conexões com os astros nelas presentes. Numa passagem referente aos cuidados e acolhimento sobre a presença da Lua em determinada casa, descreve: “Já que estamos falando de cuidar e acolher, não podemos deixar de reconhecer o quanto é adequada a

relação tradicional da Lua com a casa, espaço físico que nos protege das intempéries, lugar de recolhimento ao qual retornamos para repousar e restaurar as forças empregadas nas tarefas diurnas e, finalmente, o ‘útero’ que acolhe e nutre relações de afetividade.”

Este pequeno manual que é oferecido ao público, a estudiosos e sedentos de conhecimentos da astrologia, é marcado por uma postura objetiva e palpável pela experiência didática pontuada como instrumento para o alargamento da consciência. A astrologia é um dos processos mais ricos e sutis de autoconhecimento, de tomada de consciência de si mesmo. Escrever um livro não é apenas uma afirmação cultural ou mesmo prazer do ego, mas é, acima de tudo, dar o recado, deixar um legado; é oferecer um presente pessoal e íntimo para o público em geral e, neste caso, também para a história da astrologia. Trata-se de escritos para uma compreensão maior da natureza humana e da vida em sua totalidade.

Claudia tem a simplicidade de nos dizer que aprendeu muito na vivência cotidiana. Soube aprender com os clientes, com os alunos, na escuta atenta e trocas de ideias, percepções. Firme em seu conceito das polaridades zodiacais ao lembrar a mestra Dona Emma, que dizia: “O Escorpião tem duas almas: a da destruição e da regeneração”, Claudia, por sua vez, afirma acreditar que a maioria de nós experimente ao longo da vida um pouco de cada uma. Entendemos como momentos ou circunstâncias de destruição assim como de regeneração e transformação servem para se alcançar níveis mais elevados de consciência.

É possível amadurecer ao enfrentar os impasses da vida, refletir, observar e superar conflitos com o tempo. Claudia mostra, nas entrelinhas, que viver é um processo contínuo de enfrentamento de nossos contrários, de nossas polaridades escuras e luminosas, ativas e receptivas, e nos transmite um dos ensinamentos de Emma de Mascheville: “Acredito que o mais difícil na área em que o Escorpião está envolvido é lidar com o conteúdo psíquico das regiões sombrias do ser. Por outro lado, lá encontramos as forças criativas, sendo, portanto, necessário enfrentar tal conteúdo se quisermos dar vazão a elas. Quando se trata desse signo, nada passa indiferente, tudo vem acompanhado da violência associada a tais potências, da intensidade que faz da vida um palco de emoções tremendamente assustadoras, mas fatalmente atraentes.

Por isso, é evidente que nessas áreas da vida é preciso um trabalho psíquico que ajude a viabilizar efetivamente o uso positivo das poderosas forças por nós criadas.”

Referindo-se ao exercício da escuta, nos relata: “Aprendi com os capricornianos que trabalho para eles é o alicerce de suas vidas. Todos, salvo algumas exceções, sentem enorme desejo de vencer na vida por conta própria. Não se acovardam frente às dificuldades que a realidade lhes apresenta. Muito pelo contrário, em momentos mais tranquilos, o capricorniano se impõe novas adversidades, como se não soubesse viver sem um obstáculo a ser ultrapassado.”

A era iluminista reduziu a astrologia à racionalidade do determinismo e, por consequência, tornou-se fechada em suas teorias fatalistas, perdendo sua riqueza simbólica no campo das probabilidades. É preciso lembrar que na passagem do século XVI para o XVII, a astrologia passava por três vertentes para os tipos de previsões. Isso quem nos legou foi Kepler, ao declarar que havia a análise física (corpo), a metafísica (psíquica) e a dos signos (astronomia). Kepler, a princípio, chegou a entendê-la como predestinação. Depois, mais observador, passou a ter reservas em relação às pretensões e desígnios da astrologia tradicional. Acentuava que a função do astrólogo era interpretar os sinais do Céu visíveis em relação à Terra, tendo uma postura de aconselhamento, um tanto psicológica/metafísica, diante das possibilidades, por não ousar ser determinista ao afirmar: “Não sei com suficiente certeza se poderia ousar predizer confiantemente qualquer coisa específica”, isto é, ser factual. Kepler (1571-1630) fazia horóscopos e os interpretava como um profissional dedicado e respeitado. Apreendeu a totalidade da criação, sem divisões entre as energias celestes e terrestres. Foi um matemático na precisão das coordenadas celestes e intuitivo, místico altamente espiritualizado. As conexões astrais se manifestavam, isto é, se revelavam de maneira física e emocional na vida de seus clientes. Kepler sabia disso, das ocorrências das probabilidades em relação aos seus clientes. O Iluminismo que se estabeleceu no século XVII fechou a astrologia na racionalidade determinista, cartesiana.

A astrologia, apresentada por Claudia, abre portas para a leitura quântica das probabilidades, avança para sua compreensão larga e fe-



cunda, em harmonia com os valores da vida. Não importa se o Sol é o centro do sistema, é do ponto de vista da Terra que vislumbramos os movimentos celestes. É a partir da Terra que fazemos nossas referências. É da Terra que procuramos compreender nossa dimensão e responsabilidade existencial. Aqui vivemos, e a astrologia é preciosa como uma bússola para nos orientar nessa caminhada árdua e maravilhosa que é viver a vida em todas as suas dimensões. Somos herdeiros das estrelas há bilhões de anos. No interior do átomo não há códigos ou leis de causa e efeito — o que existe é a imprevisibilidade. Ela se revela através dos ritmos da natureza, e percebemos que cada um de nós participa desses ritmos intimamente e que estamos conectados com todo o Universo em sua fonte primordial.

A astrologia é ciência enquanto passível de experimentação, ao estabelecer cálculos aritméticos da matemática, de precisão, e é arte enquanto interpretação de uma linguagem simbólica. A astrologia pertence ao mundo das alegorias, das metáforas. Cada um de nós é dono de seu próprio destino. O processo de individuação, ser verdadeiramente quem somos, depende de nossos desafios pessoais. O profissional astrólogo, como um Sócrates contemporâneo, dirá “Conheça-te a si mesmo”, e, ao fazer as conexões celestes, apenas ajudará ao seu consulente a conhecer-se e, com sensibilidade, mostrará o horizonte a ser vivido, sem interferências no livre-arbítrio. A matéria densa e a sutil não são inseparáveis. Nenhuma teoria científica pode ser completa às investigações do ilimitado, e o mesmo se dá com o saber astrológico. Nenhuma teoria é completa sem integrar o ser observador e o objeto observado.

A história das ciências está repleta de críticos maledicentes, que não estudaram nem absorveram a linguagem simbólica dos Céus. Essas pessoas não nos interessam, nem merecem falas.

Na história da humanidade, são muitos os sábios pensadores, filósofos, artistas, poetas e músicos que apreenderam os sinais dos Céus e se beneficiaram ricamente em suas vidas pessoais. Não citarei nada de Dante, Goethe, Hildegard Von Bingen, nem Henry Miller ou Walter Benjamin, mas de um monge beneditino contemporâneo, Gerhard Voss, em sua obra *Astrologia cristã (Astrologie christlich)*, de 1980, ao afirmar que “o horóscopo é uma carta de amor de Deus, e, mais ainda,

o horóscopo, meio de conscientização, não representa apenas um grilhão que prende a pessoa à sua condição humana, mas constitui um processo de autoconhecimento mediante o qual a pessoa descobre o seu eu e o perscruta até que se torne um vaso, embora turvo, mas que, mesmo assim, contém algo divino, luminoso”.

Outro sábio que viveu sua paixão pela imensidão do infinito celeste e curti profunda simpatia pela linguagem simbólica dos astros foi Albert Einstein, que afirmava: “Os domínios do mistério prometem as mais belas experiências.” E ainda: “Uma proposição é correta quando, dentro de um sistema lógico, é deduzida de acordo com as regras aceitas da lógica. Um sistema tem conteúdo de verdade de acordo com a certeza e a inteireza da possibilidade de coordenação com a totalidade da experiência. Uma proposição correta tem a sua ‘verdade’ adquirida por empréstimos ao conteúdo de verdade do sistema a que pertence.”

A astrologia não é um saber para se acreditar ou negar credibilidade, e sim um saber tão antigo quanto a história da humanidade, a ser constatado. Quando dois ou mais planetas interagem geometricamente no Céu configurado entre si, podemos constatar simbolicamente, por correspondência, acontecimentos na vida terrestre, por sincronicidade. É a lei das correspondências. É nessa vertente que o cosmos nos habita — já que *os astros sempre nos acompanham* — que a astróloga Claudia Lisboa nos presenteia neste ano de 2013, quando o mundo em sua totalidade, em plena efervescência, quer horizontes objetivos para a compreensão dos valores essenciais da vida humana.

Martha Pires Ferreira  
*Verão, 2013*

## Introdução

Olhar para o Céu estrelado e contemplar a imensidão do firmamento, ora acolhedora, ora atemorizante, é dilatar a percepção e, juntamente, o significado da existência. Com a alma povoada de imaginação, os humanos conferem aos astros simbolismos, impregnando-os de uma misteriosa potência. Força e simbolismo nos são devolvidos pelos próprios astros sob a forma de conhecimentos verdadeiramente sagrados, confidenciados ao pé do ouvido dos astrólogos.

O desígnio da astrologia é, portanto, fazer a ponte entre os humanos e o cosmos. De posse do saber astrológico, os homens peregrinam em direção ao firmamento, em busca da sua dimensão mágica. No sentido inverso, os astros se reclinam sobre a superfície da Terra e tocam a sua própria humanidade.

Fazer astrologia é conversar com pontos luminosos do Céu, fazer-lhes perguntas e esperar as respostas. Às vezes, elas nos chegam quase em tempo real, outras demoram uma eternidade. Há milênios os humanos aprenderam a língua do firmamento, mas ainda há muito o que decifrar. Por isso, talvez, algumas respostas cheguem mais tardiamente. Felizmente, a astrologia não se tornou uma língua morta, como ocorreu a tantas outras. Contudo, à semelhança de qualquer linguagem, precisa ser sempre atualizada. Algumas palavras e expressões caem em desuso, enquanto novas são criadas. Com a língua dos astros não é diferente. O modo como os antigos se comunicavam com os corpos celestes não é, evidentemente, o mesmo praticado hoje. A língua atualizada sob o olhar contemporâneo veste a interpretação astrológica de uma roupagem adequada aos ouvidos do sujeito do nosso tempo. As interpretações que nos soam estranhas nos tratados clássicos de astrologia, quando relidas sob esse novo olhar, têm o brilho da sabedoria milenar renovado.

Há um momento indefinido no tempo em que a curiosidade humana e os mestres do firmamento se encontraram, e alguns desses curiosos se transformaram nos primeiros astrólogos de que se tem notícia, os primeiros decifradores da língua falada no Céu estrelado. A partir desse encontro, os humanos registraram meticulosamente as posições ocupadas pelos astros, estudaram com cuidado as relações entre estas e os acontecimentos na Terra e desenvolveram cálculos suficien-

temente precisos para prever as futuras posições e, por conseguinte, fazer projeções sobre os eventos terrestres e humanos. Esse diálogo tão íntimo e silencioso da Antiguidade tornou-se um burburinho efervescente com o passar dos séculos e até mesmo dos milênios. Em tempos passados, esse diálogo caiu em descrédito e teve, portanto, seus momentos de reclusão, período suficiente para transmutar-se e ressurgir vigoroso nos dias atuais, ocupando um lugar digno de uma linguagem de tal envergadura.

Fazer astrologia hoje é, do mesmo modo como os povos do passado faziam, ouvir as mensagens vindas do firmamento e traduzi-las de acordo com um saber edificado por diversas culturas e atravessado por suas tendências. A diferença entre a maneira como os antigos liam tais mensagens e como nós o fazemos na atualidade reside no fato de, não pretendendo ser a astrologia contemporânea determinista tal como era no passado, elementos como a genética, a educação, o ambiente onde o indivíduo cresceu, seus valores morais e, especialmente, suas escolhas influenciarem o modo como as tendências produzidas por tais relações são forjadas na sua experiência e em suas realizações pessoais. Observado isso, uma boa interpretação considera as combinações entre as diferentes posições dos astros numa carta natal, entendendo, portanto, o conteúdo de informações contidas na matriz astrológica não como um somatório de interpretações isoladas, mas como um diálogo dinâmico e orgânico entre elas. Cabe, portanto, a cada astrólogo, conduzido pela sensibilidade e pela atmosfera do encontro com o seu consulente, produzir uma interpretação criativa e que seja capaz de soprar nos ouvidos da alma de quem busca esse saber a tradução das mensagens que os astros produziram no dia do seu nascimento e endereçaram especialmente a esse indivíduo.

Foi-me dado o privilégio de conversar com o firmamento. Sinto-me autorizada pelo meu próprio horóscopo para isso. Ademais, recebi as bênçãos de Emma Costet de Mascheville para iniciar-me nessa linguagem sagrada. Acompanhei-a por anos à fio, assistindo às suas aulas, testemunhando suas palestras e calculando horóscopos na sua casa, no bairro da Independência, em Porto Alegre. Dela, ouvi declarações como: “Não falem mal de Saturno; não é o Saturno do Céu e sim o teu Saturno interior que te atormenta; se algum Escorpião te

fere, sê consciente de que ele tem a finalidade de despertar alguma qualidade que mantinhas oculta e deixaste de manifestar. Mesmo a ferida é um bem para o teu despertar a que deves ser grato, assim como o és ao cirurgião que desperta nova vida em ti.”

Estávamos na década de 1970 e uma nova visão da astrologia surgia, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. A chance de estudar com alguém que transmitia esse conhecimento milenar de maneira diferente dos manuais clássicos de astrologia foi acolhida por mim como uma dádiva. Tratava-se de uma astrologia mais humana, uma astrologia que, no lugar do determinismo, levava em conta a responsabilidade do indivíduo sobre as suas escolhas.

Ávida por absorver a sabedoria de Emma, sentava-me, junto a outros tantos jovens, ao redor de uma mesa improvisada na garagem da sua casa. Nos fins de semana, caminhava ao seu lado às margens do rio Guaíba, quando então me era confiado o exemplo da potência que era fazer da astrologia um instrumento de construção de um modo singular de ser no mundo. Emma era única.

Fiel às origens e, portanto, com a posse legítima desse saber universal e simbólico, Emma estava absolutamente aberta a adaptar a astrologia aos novos tempos. Ela nos falava sobre campos magnéticos. Ela nos falava sobre campos bioenergéticos. Ela nos falava sobre o *spectrum* da luz. Ela nos falava sobre a vida.

Naquele tempo de muitas cores, de paz e amor, abria-se o caminho que eu iria percorrer levando a semente que então fora plantada em mim.

Passaram-se mais de trinta anos e, de lá para cá, as estrelas me confiaram segredos para serem traduzidos por quem nelas confiou. Tenho sido, portanto, astróloga.

Trouxe ao mundo duas filhas. Plantei algumas árvores. Mas faltava o livro. As filhas vieram cedo, as árvores foram plantadas ao longo da vida e o livro ficou à espera de uma mensagem vinda do firmamento. Ela, afinal, tocou o pé do meu ouvido e a mandala do meu mapa na tela do computador. Era chegada a hora de escrever. Eis, pois, alguns dos segredos a mim confiados.